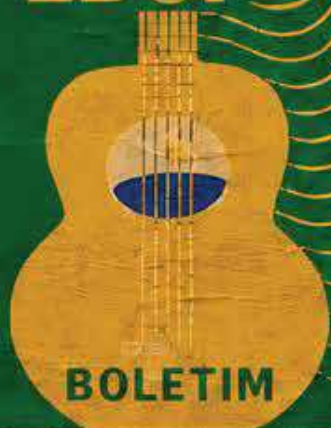


**BU
CHI
CHO**

BOLETIM

**XXVI
EBCF**



BOLETIM

**BUCHI
CHO**



BOLETIM

Buchicho



BOLETIM

XXVI ENCONTRO
BRASILEIRO
DO CAMPO
FREUDIANO



**BOLETIM
DE
CAMELO**

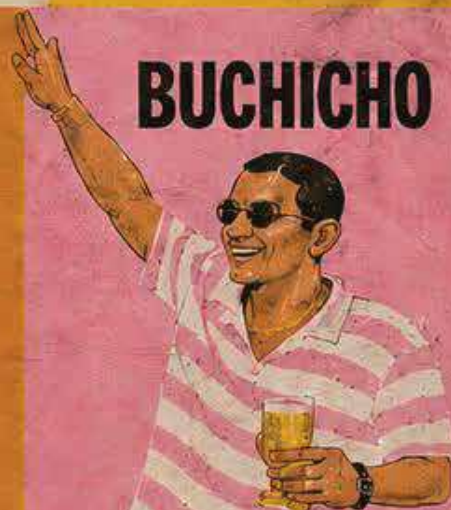
**BU
CHI
CHO**

BOLETIM



BOLETIM

BUCHICHO



BOLETIM

**BUCHI
CHO**
BOLETIM

Buchicho



BOLETIM

BUCHICHO



ICE CLUB

BOLETIM

Buchicho



BOLETIM

Buchicho



BOLETIM

**MADE
IN
BRASIL**

BOLETIM

Buchicho
**TROCO
GENTE
CHATA
POR UMA RODA
DE SAMBA**

BOLETIM

OFERTA

**CUIDAR DA
SUA VIDA**

0,00

Buchicho
BOLETIM

Editorial Buchicho

Isabel do Rêgo Barros (EBP/AMP)

Michelle Sena (EBP/AMP)

Apelidamos esta edição do boletim Buchicho de “Epistolar”. Nela, convidamos o leitor a transitar por duas modalidades de escrita: as cartas e as mensagens instantâneas. Apesar de separadas no tempo e na forma, ambas têm o propósito de tentar transmitir algo a alguém, fazer chegar ao Outro uma mensagem, algum sinal, um barulho.

Apresentamos primeiramente uma carta resposta à icônica Carta 52 de Freud, produzida por Valéria Ferranti (EBP/AMP) 130 anos depois. Valéria relembra como Freud estabelece o funcionamento do aparelho psíquico a partir de registros, marcas, traduções e transcrições. Ela levanta a questão: isso faz barulho? Esses traços se inscrevem no corpo, vivificam-no e perturbam-no. Tomados em sua pura materialidade e esvaziados de sentido, os significantes são ruídos que

testemunham a existência de um corpo marcado pela matéria sonora da língua.

A segunda carta que apresentamos traz a ficção do devaneio um tanto onírico de Gresiela Nunes da Rosa (EBP/AMP). Fazendo uma certa brincadeira com o vaivém temporal que coloca em perspectiva a subversão freudiana, Gresiela coloca nas palavras de Freud a afirmação que tanto nos interessa nesse Encontro: trata-se de Letras! É disso que é feito o psiquismo e também o tratamento.

Nas mensagens instantâneas que a equipe do Boletim Buchicho trocou com Marcelo Veras (EBP/AMP), o barulho ganha contornos contemporâneos frente à busca desenfreada por diagnósticos rápidos e soluções universais para o mal-estar. Foram de mensagens sobre especificidades e consequências do discurso do capitalismo atual, passando pela pergunta sobre a formação do analista hoje e com direito até a fragmento clínico!

Que você entre na troca de cartas também, caro leitor!

**CARTAS
RESPOSTAS
À
CARTA
52 DE FREUD**



São Paulo, 16 de março de 2026

Estimado Dr. Freud,

Há uma linda canção chamada "Ladeira da Memória" que narra os transeuntes no centro de São Paulo abrigando-se da chuva e que, em certo momento, se veem no reflexo nas vitrines e nas poças d'água. Ao ouvir esta inspirada canção de Zécarlos Ribeiro pensei nos reflexos, nos barulhos... e no senhor.

Em seu gabinete em Viena não havia o barulho infernal que hoje ouvimos nas grandes cidades, - então por que associar barulho ao senhor? - Afinal, de qual barulho estou aqui tentando escrever...

Gostaria de contar ao senhor que no final da minha adolescência ganhei de presente um livro: "A Interpretação dos sonhos". Li, não entendi muita coisa, mas me encantei com a ideia do psiquismo como aparelho, como um aparato, como mecanismo. Touché! Que encontro inquietante, que encontro meio familiar, meio estrangeiro... Mais tarde li sua correspondência e ali outro encontro: a famosa Carta 52, es-

crita para seu amigo Fliess onde já está o esboço daquilo que seria sua obra inaugural e monumental.

Traço, escrita, tradução... Desculpe a tietagem, mas que genialidade.

Fico triste em dizer que muitos dos seus seguidores não puderam ler sua obra ao pé da letra. Foi preciso esperar um pouquinho para que Lacan o fizesse e convocasse os psicanalistas para acompanhá-lo nesta tarefa. E, a partir da pena deste francês, dar consequências clínicas para a memória, ou como o senhor mesmo disse dar consequências “para a memória do esquecimento” - para aquilo que está escrito. Eis o inconsciente feito de marcas, de traços que se inscrevem na busca de uma representação, no entanto, de tempos em tempos, estas marcas sofrem uma reescrita. Há movimento, portanto não se trata de uma verdade final. Estaria aqui, já tão inicialmente, a ideia daquilo que “não cessa de não se escrever”?

Estes traços, associados à memória, são as marcas inscritas no corpo que, por um lado o vivifica, e por outro o perturba. Faz barulho?

Creio que o senhor gostaria de ler as impressões do Dr. Lacan quando sobrevoou a Sibéria. Ao observar o ravinamento na neve, os sulcos marcados na carne da Terra, diz que ali, onde há a marca, traço, choverá significantes. Significantes que sairão pela boca daquele que fala para um analista. Com as orelhas em pé, estes significantes serão tomados em sua materialidade e não no seu sentido. Se não há sentido podem ser tomados como barulho, ruído, sons que não fazem história, mas dão testemunho de que a realidade existe porque existe um corpo que experimentou satisfação e foi marcado - por que não dizer tracejado - pela matéria sonora de que é feita a língua.

Como eu gostaria que o senhor soubesse que esta Carta escrita há 130 anos ainda nos produz encantamento e trabalho.

Att,
Valéria Ferranti

Querido Sig,

já te disse tantas vezes o quanto me sinto lisonjeada em poder acompanhar tuas elaborações. Isso que me envias agora é absolutamente genial! E, veja bem, o que posso acompanhar de tuas elaborações me diz que, mesmo sem uma descrição completa da percepção e tudo mais envolvido aí, já escreveste uma nova psicologia. A modéstia não te cai bem, meu amigo!

Mas quero te contar o que se passou comigo após ler a sua carta e sua nova teoria. Eu a li e logo peguei no sono e, acredite se quiser, tive uma espécie de sonho que vou chamar de premonitório. Ah, sei que isso para ti é uma coisa mística, nenhuma ciência, coisa de adivinhação. Mas sabes que eu, apesar de não crer nas bruxas, bem sei que elas existem. Te pergunto se não achas que a racionalidade também não pode ser uma espécie de religião. Enfim, sei que tens a sensibilidade de saber que a vida é mais complexa do que aparenta.

Conto meu sonho. Estava num futuro bem distante. Ano 2026, acreditas? Será que ainda vai haver mundo até lá? Às vezes duvido, também tenho meus momentos pessimistas. Mas lá estava eu. E não vais acreditar onde? Em algum lugar

do sul do Brasil (acho que isso tem a ver com o fato de que ontem papai recebeu um cavalheiro que chegara do Brasil para tratar do negócio das ferrovias). Bem, estava eu, em 2026, no sul do Brasil, em uma extraordinária assembleia de médicos. Não eram exatamente médicos, isso não sei bem explicar. E adivinha o que estou fazendo lá? Fui até o futuro para levar a sua carta! Subo no palco e começo dizendo: Estou aqui em nome de meu excelentíssimo amigo Dr. Sigmund Freud. Todos vocês já sabem o quanto suas teorias revolucionaram as maneiras de compreender o funcionamento do psiquismo. No entanto, tenho aqui um documento escrito por ele que se perdeu ao longo do tempo e permitiu que sua teoria perdesse algo do bom caminho. Este documento é agora endereçado a vocês, para que possam retificar alguma coisa mal compreendida e também para que os ajude a pensar em como pode se efetivar o tratamento dos nervos nestes tempos em que vocês vivem. Prestem atenção ao conteúdo desta carta e vejam bem: trata-se de letras. Letras que se leem e que se escrevem. É assim que funciona o psiquismo e também o tratamento.

Foi isso, meu amigo! Tu que és tão inteligente, por favor me explique isso tudo! E não é que eu estava também muito inteligente ali

neste evento? Minha frase final, que a mim continua absolutamente enigmática, foi muito aplaudida.

E veja só, ontem eu estava num chá organizado pelas senhoras Cêra e Lhullier, e ouvi a Frau Drummond dizendo uma frase que eu achei muito curiosa e agora compreendo perfeitamente: a gente fica tão inteligente no sonho da gente.

Sig, me diz, como fazer para diminuir essa distância entre o eu da realidade e o eu que sonha? Sig, tu não te interessas em estudar sobre os sonhos? Acho que poderias fazer coisas brilhantes com isso.

Sempre tua, Gresiela



RAM



ZAP

COM

* MARCELO

VERAS



6 membros



Adicionar membros



Convidar via link ou QR code



Wilker França

Adicionar etiqueta de membro

Olá! Eu estou usando WhatsApp.



Michelle Sena

Admin >



Isabel do Rego Barros



Marcelo Veras



Marina



Isabela C. Machado





13:11

seg., 1 de jun.

Você adicionou Marcelo Veras

Oi, Marcelo. Primeiro, queria agradecer por topa esse bate-papo pelo grupo de WhatsApp. Eu, Isabel e toda a comissão do boletim ficamos muito animados por você ter aceitado o convite. Parte da comissão está aqui no grupo e participará dessa conversa conosco.

19:51 ✓✓

Lemos uma publicação sua no Instagram em que você aborda o tema dos "barulhos da língua", que muito nos interessou. Também assistimos ao Café Filosófico com você. Formulamos algumas perguntas para orientar a conversa, mas a ideia é que possamos dialogar livremente a partir de questões que se articulam ao tema do XXVI EBCF.

19:53 ✓✓



Michelle Sena

Bem vindo, Marcelo! 20:23



Isabel R. B. Duarte

Bem vindo marcelo!! 20:23



~ Isabela C. Mach... +55 21 99100-3805

Seja muito bem vindo Marcelo!
Vamos que vamos 20:29



Marina

Bem vindo, Marcelo! 21:30

Marcelo Veras

Oi pessoal. Chegando em casa
agora 🙄 21:52



Vamos la ! Espero poder ajudar 21:53





No Café Filosófico, você fala sobre os modos contemporâneos de sofrimento e sobre essa busca cada vez maior por diagnósticos e nomeações. Isso nos chamou atenção porque toca em algo que também atravessa o tema do XXVI EBCF, "Barulhos da língua: a interpretação entre a fala e a escrita". Como você pensa a especificidade da interpretação analítica hoje, num tempo em que o sofrimento parece encontrar tão rapidamente nomes, explicações e sentidos já disponíveis?

22:01 ✓✓

terça-feira

Marcelo Veras

Bom dia, acordando, tomando meu café, e aproveitando uma ilha de tranquilidade para responder. Após o Tai chi chuan a cabeça fica mais calma, rs

07:24



3



terça-feira

O que posso dizer? Para o sujeito que não está no dispositivo analítico, a interpretação analítica vai contra o princípio do prazer. Isso é problemático em um mundo no qual a primeira exigência é o bem-estar. Esse é um dos deslocamentos principais, já apontado pelo psiquiatra Paulo Amarante, no momento em que a saúde mental, que se ocupava do sofrimento e da doença, passou a ser escrita em maiúsculas: Saúde Mental. Trata-se de um projeto muito mais amplo, atravessado pela biopolítica, isto é, por formas de gestão da vida e dos modos de existência.



Nesse contexto, o bem-estar tornou-se objeto de disputa entre discursos e interesses frequentemente especulativos. A interpretação analítica aparece então como o avesso dessa biopolítica, para nos servirmos de uma expressão de Éric Laurent. Seu movimento não é o da adaptação ao Outro nem o da alienação a seus imperativos, mas o de uma separação. A interpretação faz furo no Outro. E, se a Saúde Mental é hoje um dos nomes do Outro, a interpretação faz furo no próprio dispositivo que a sustenta. Não é difícil compreender por que isso desagrada tanta gente. Curiosamente, Freud e Lacan nunca foram tão Pop.



Ao ler seu comentário, fiquei pensando: se Freud e Lacan nunca foram tão pop, será que a psicanálise não se tornou, ao mesmo tempo, menos influente no campo da Saúde Mental? Tenho a impressão de que, se antes ela fazia furo nos ideais do Outro social, hoje se confronta com uma configuração mais complexa, na qual neurociências e farmacologia se articulam ao discurso capitalista em torno da gestão do mal-estar. Isso não colocaria novos desafios para o analista quando se dirige ao espaço público?

Editada 09:20 ✓✓



Talvez seja uma impressão minha, mas lembro do período em que trabalhávamos no Hospital Juliano Moreira, aqui na Bahia, como um momento em que a psicanálise parecia ter mais incidência no campo da Saúde Mental. Você compartilha dessa percepção? E, pensando em Laurent, quais seriam hoje as condições para que a interpretação mantenha sua incidência diante desses dispositivos contemporâneos de gestão da vida e do mal-estar?

09:46



Marcelo Veras

Vou desdobrar sua pergunta em dois pontos, embora sem dúvidas há muito mais a ser dito. Tem um fato curioso, quando falamos neurociências, farmacologia, TCCs, sempre nos dirigimos a um outro abstrato, ou seja, já aí encontramos uma diluição da subjetividade. Trata-se de um mestre emudecido, diluído, um mestre próprio aos tempos do pai evaporado - agora citando Miller. Mas, quando falo de psicanálise, falo de enunciações, de mestres encarnados, ou seja, desejantes, por isso citamos Freud, Lacan, Miller etc. Isso que muitos criticam, é o que mais gosto, cada um toma a psicanálise e a reinventa um pouco. Contudo, tem o outro lado, isso faz com que, como recentemente Esthela Solano nos falou aqui na Bahia, a maior ameaça à psicanálise não venha das neurociências, que fazem um papel importante em muitas coisas. A maior ameaça vem da formação dos futuros analistas. Se estes não forem bem formados, bem analisados, a psicanálise será engolida pela Saúde Mental, com maiúsculas. O fato de a psicanálise estar Pop, não quer dizer que isso vai salvá-la.

M

09:59



Marina

Ei gente, gostei do papo. Fiquei pensando aqui, a partir do que vocês trouxeram e pegando emprestadas as palavras do Marcelo: seria hoje a promessa da Saúde Mental, com maiúsculas, uma tentativa de lavar o que não se lava da língua? Nossa função, enquanto analistas, não estaria articulada a tentar fazer operar um discurso ali onde as soluções prontas falham?

11:43

Fiquei muito pensando se esse desafio não se dá justamente porque por mais que a psicanálise se torne pop, a nossa prática de orienta pelo que não é pop, o não compartilhável de cada um. O barulho que não se lava com as palavras, com a linguagem. A interpretação parece sempre apontar para isso, o eco disso que não é pop

11:44

Marina

Não Sou feliz
mas tenho
analista



11:47



2



Michelle Sena

Marina levantou um ótimo ponto. O singular que resiste à tentativa de homogeneização do discurso do mestre contemporâneo é justamente o que interessa à psicanálise escutar e dar um lugar fora de qualquer tentativa de universalização.

Retomando nossas questões em torno da interpretação na análise, a partir do que Miller indica em A fuga do sentido, "Se o inconsciente interpreta, o que resta, então, para o analista fazer?".

O que você pensa, **@Marcelo Veras**? Como podemos pensar a interpretação, o fazer do analista e o tratamento disso que não é possível homogeneizar ou universalizar?



15:46



Marcelo Veras

Tomando o que Marina pergunta, A Saúde Mental visa uma transparência do ser, a promessa de um saber sem zonas de incerteza. Alguns criticam cientistas achando que isso é uma arrogância. Eu convivo muito com cientistas, sou casado com uma e pai de outra, a maioria trabalha sem a mínima pretensão de que vão encontrar a verdade. São as pseudociências que buscam a a verdade toda. Já a saúde mental, seus praticantes, pensadores, que vivem a verdadeira experiência da clínica do dia a dia, convive muito bem com os restos, com o que não pode ser universalizado. As políticas de saúde que apostam na redução de danos são muito próximas da psicanálise. Aqui respondo um pouco à Wilker, a experiência de um hospital psiquiátrico da rede pública ensina muito bem o que Miller chama de salvação pelos dejetos.

23:45





Isabel R. B. Duarte

Marcelo Veras

Tomando o que Marina pergunta, A Saúde Mental visa uma transparência do ser, a promessa de um saber sem zonas de inc...

Oi gente, entrando na conversa. Exato. Entendi que essa foi a diferença que você quis fazer entre saúde mental como campo de trabalho, trabalho clínico que necessariamente se encontra com o impossível; e a Saúde Mental como discurso do mestre, cujas águas a psicanálise não pode deixar de beber, mas justamente visando a furar esse discurso .

Editada 23:53





Marcelo Veras

Quanto à pergunta de Michelle, acho muito boa pois meu modo de ler esse conhecido comentário da Fuga dos sentidos mudou com os anos. Antes lia essa passagem como se o inconsciente fosse o discurso do mestre, mas um mestre iluminista, que tivesse uma razão inconsciente sob o comando do desejo e da pulsão. Ele interpretava como aquele que sempre apontava a miséria neurótica do sujeito. Hoje, quando leio que o inconsciente interpreta, é justamente porque ele tropeça, ele é um mestre insensato, que insiste - e fracassa - diante da alteridade radical entre o sentido e o real. Leio a fuga do sentido a partir do Lacan do Seminário 22:





Le sens est l'Autre du réel. E, finalmente, se o inconsciente tropeça, o analista é aquele que não deixará que o tropeço passe batido e seja apenas um eclipse. Assim, aquilo que se interpreta não se funde na paisagem dos ditos de uma análise, o corte tem essa função. Um exemplo que dou vem de minha clínica. Uma paciente no divã, indignada com o fato do pai ter traído mãe, passa a falar das qualidades de sua mãe, de como o pai não poderia deixá-la. E, no calor de sua defesa, diz: Meu pai não devia ter feito isso, minha mãe é uma puta mulher! - corto a sessão. Meses de análise para ela desembaraçar esse nó que emergiu com esse corte: mãe x puta x mulher.

M

00:10





Isabel R. B. Duarte



00:12

00:12

Isabel R. B. Duarte

Outro ponto que vou puxar aqui, mas talvez possa ficar pra continuarmos a conversa amanhã: gostei muito do que você falou sobre a formação do analista. Na verdade como a grande ameaça da psicanálise traz à tona a questão da formação do analista. Questão absolutamente preciosa, ainda mais nos dias de hoje.

00:15

Marcelo Veras

Amanhã faço uma cirurgia oftalmológica e estarei sem poder ver telas. Acredito que na quinta já esteja podendo responder.

00:16

M





Isabel R. B. Duarte
Beleza! Sem problemas. Vamos até sexta nessa conversa e aí concluimos para poder editar e publicar, o que acham? 00:18

Massa! 11:44 ✓✓



11:45 ✓✓



11:46 ✓✓

~ **Isabela C. Mach...** +55 21 99100-3805
Marcelo Veras
Amanhã faço uma cirurgia oftalmológica e estarei sem poder ver telas. Acredito que na quinta já esteja podendo responder.



Estamos aqui na torcida!
Que corra tudo bem 12:01





Marina

Opa! Vi que o papo rendeu! É muito importante partir desse equívoco da língua para pensar essa diferenciação. A saúde mental, sem maiúsculas, aparece como promessa do discurso do mestre: uma homogeneização do mal-estar por meio de soluções prontas e pílulas mágicas que curto-circuitam a relação dos sujeitos com o mal-estar. Isso se diferencia da Saúde Mental, com maiúsculas, que se constitui como um campo de trabalho e que se aproxima da nossa prática no que tange ao trabalho com os restos e com o não universalizável, ou, como você coloca em seu texto, "o que não sai na lavagem". Foi muito importante essa orientação pelo corte, a partir do caso clínico que você trouxe, porque a dimensão do corte produziu um eco no qual se pode ler um dizer, uma interpretação entre o dito e o dizer.

14:41





Marcelo Veras



Só consigo ler lá pra sexta hehe

↳ 2 respostas

18:16

M



~Isabela C. Mach... +55 21 99100-3805

Marcelo Veras

📷 Só consigo ler lá pra sexta hehe



↳ 18:23





-Isabela C. Mach... +55 21 99100-3805



18:25

~Isabela C. Mach... +55 21 99100-3805
🤪❤️ boa recuperação Marcelo!!
Tomei um susto aqui bicho que loucura!



Marcelo Veras



Vai dar certo!

M

18:44





Boa recuperação, marcelo!

19:09 ✓✓



19:09 ✓✓

sexta-feira

Gente, acho que já temos um bom buchicho nesse grupo de zap. Passeamos por questões importantes que poderão seguir sendo trabalhadas no Encontro, em Floripa. Da minha parte, podemos finalizar. @Marcelo Veras, gostaria de acrescentar algo antes de encerrarmos a conversa?

11:58 ✓✓



sábado

Marcelo Veras



0:23

"Oi pessoal desculpa eu não ter respondido _____ do meu procedimento eu não estou lendo eu não tive condição de ler não mas aí eu consegui ver aqui agora então ótimo acho que já tem _____ material aí né pra mim sessão qualquer dúvida me _____ agora deixa mensagem gravada pra _____ do que Escrito ainda tá beijos para todos"

14:14

M

❤️ 2



sábado

Wilker França



0:10

19:20 ✓✓

Ei marcelo, tá ótimo otimo!

Boa recuperação e muito __ obrigado
pela disponibilidade. Um __ abração!

19:20 ✓✓



**Equipe do Boletim "Buchicho" do XXVI EBCF
Isabel do Rêgo Barros e Wilker França (coord.):
Andressa Luz, Henrique Lopes,
Isabela Machado, Leila Mignac, Marina Fragoso,
Michelle Sena e Priscila de Sá Santos.**

